

João Pessoa - Número Zero - Dezembro de 1999

O Tao da Física: um paralelo entre a Física moderna e o misticismo oriental. São Paulo: Editora Cultrix, 274 p.

Eduardo Lima Leite ⁽¹⁾

Vivemos um momento assinalado por crepitantes transformações. No plano filosófico vemos novas idéias, como as praticas orientais filosóficas em essência religiosas, que se mostram a cada dia mais presentes em nossa cultura ocidental, a exemplo do T'ai Chi C'huam Taoísta ou a ioga hindu.

Atento às transformações, Fritjof Capra procura aproximar a visão do mundo da Física moderna atual com a concepção do mundo das civilizações orientais, precisamente da Índia e do Oriente Extremo.

Na praia observando os movimentos das ondas, sentindo o ritmo de sua respiração ao mesmo tempo, sentiu o seu ritmo e 'ouviu' o seu som. Nesse momento compreendeu que se tratava da dança de Shiva, o deus dos dançarinos, adorado pelos Hindus. Assim Capra menciona sua experiência mística que resultaria neste livro: um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental.

O fato é que a ciência moderna ao resistir a similaridade entre seu mundo e o dos místicos, insiste em manter um desequilíbrio cultural, fomentando a necessidade da guerra, fome, ignorância e a morte banal. No entanto, o estudo dos aromas harmônicos entre as teorias destes dois mundos busca indicar um caminho, o "*caminho com um novo coração*".

Como explorar a relação entre os conceitos da física moderna e as idéias básicas existentes nas tradições filosóficas e religiosas do extremo oriente? Mergulhando no livro, não só vemos como a física moderna nos leva a perceber o mundo tal como o Budismo, tradição espiritual que domina a maior parte da Ásia e Indochina, preocupada com a condição humana, o sofrimento e as frustrações dos seres humanos. Trata-se de uma psicoterapia, tendo duas escolas principais o Hinayana e o Mahayana. Como o Hinduísmo, um complexo sistema sócio-religioso composto de sistemas, cultos e sistemas filosóficos. Cujas origens espirituais são o vedas, coleção de escritos, sendo a maior autoridade religiosa para os setores hindu. Tem um caráter monístico, doutrina filosófica segundo a qual o conjunto das coisas pode ser reduzido à unidade, e o Taoísmo que, como o Budismo e o Hinduísmo, busca a orientação mística, se interessa pela sabedoria intuitiva, como também de que forma a semelhança entre estas teorias se alarga a partir da observação das tentativas de agrupá-las com o fim de expor minuciosamente os fenômenos de um mundo que se encontra abaixo do microscópio eletrônico, descrevendo suas propriedades e interações das partículas subatômicas de que toda matéria é composta. A idéia do livro é que a física moderna leva a uma interpretação de mundo parecido com às interpretações dos místicos de todos os tempos.

Encontrando as tradições místicas em todas as religiões e nas escolas da filosofia ocidental, passaremos pela Grécia do século VI a.C., onde veremos uma doutrina filosófica segundo a qual o conjunto das coisas pode ser reduzido à unidade(monismo), e organicismo da escola de Mileto que aproximava-se muito das antigas escolas chinesas e indianas.

Unidade que é dividida com a escola eleática onde percebe um principio divino posto acima de todos os deuses e homens, que originou a divisão espírito e matéria, tornando-se o referencial da filosofia ocidental. Com o desenvolvimento dessa idéia os filósofos se preocuparam com o mundo espiritual.

No ocidente o conhecimento científico teve como referência Aristóteles que acreditava mais nas questões referentes ao espírito do que nas questões materiais. Essa teoria atingiu o

apogeu na Idade Média, com apoio da Igreja Cristã.

Com o Renascimento essa idéia cai sob terra. Dos estudos científicos surge a ciência moderna, e com ela o grande racionalismo do século XVII, o cartesianismo da época de Descartes, baseado na crença da certeza do conhecimento científico, o tempo da razão que tanto influenciou a maneira do pensar ocidental, que separou a mente do corpo, dividindo indivíduos em parte separadas. No entanto, a modernidade apresentou um lado bom e outro negativo, um apresenta o desenvolvimento da Física e da Tecnologia, o outro revela guerras, fome, violência, indiferença.

Na visão oriental de mundo tudo é semelhante a um organismo, tudo é interligado, é preciso transcender a noção de si mesmo(self). O objetivo é a busca da iluminação tanto intelectual como na totalidade do indivíduo, haja vista, a situação que se encontra o cosmos, inseparável em constante movimento, vivo, orgânico, espiritual e material ao mesmo tempo. O divino não se encontra na imagem de Deus, e sim num princípio que controla tudo que surge a partir do coração de cada um.

Familiarizado com o tema, o Capra do segundo capítulo em diante mostra que os meios fundamentais da visão oriental do mundo são aqueles que vão em busca da compreensão de mundo que surge a partir da física moderna. Sugere que a reflexão mística concebe uma plataforma segura e importante para as teorias da ciência atual, uma compreensão na qual as descobertas científicas podem estar em consonância com as idéias espirituais e as crenças religiosas e, ainda que a Física moderna vai além da tecnologia e, portanto, nos conduzindo ao conhecimento espiritual e a auto-realização.

Finalmente, como estudar os paralelos entre a Física moderna e o misticismo oriental? Sugere Capra, a importância de comparar as afirmações feitas pelos cientistas e pelos místicos orientais no que refere-se ao seu conhecimento do mundo, perguntando, será que o monge Budista de Angkor Wat ou de Kyoto conferem ao termo "conhecimento" o mesmo sentido que o físico de Oxford? Que tipo de afirmativa é comparável? O que deve ser selecionado dentre os dados experimentais e, equações e teorias, de um lado, e teorias religiosas, antigos mitos ou estudos filosóficos de outro?

Tradicionalmente tem-se reconhecido dois tipos de conhecimento: o racional e o indutivo, o primeiro associado a ciência e o segundo a religião. Sendo o reino do conhecimento racional o reino da ciência e, o reino do conhecimento místico o reino da experiência, conhecimento surgido a partir da realidade não intelectual, podendo ser chamado "de meditação" ou estado místico.

Como a Física o misticismo contém características recíprocas. Na Física o conhecimento é atingido via pesquisa científica com suas etapas, evidência, teoria e experimentos. E dada as definições de forma mais precisa do sistema conceitual, à medida que é dada uma forma mais "desenhada" são feitas conexões mais rígidas, o sistema torna-se menos ligado ao mundo.

Assim firma-se a existência de um elemento intuitivo na ciência como a existência de um elemento racional no misticismo oriental, segundo uma frase Zen: *"no momento em que se fala sobre uma coisa, perde-se a marca"*.

A base segura do conhecimento que funda-se na experiência, no misticismo oriental, indica um paralelo pela mesma base segura do conhecimento científico, que também funda-se na experiência.

No taoísmo, essa noção de observação acha-se ligada ao nome dos templos Kuan, que quer dizer "olhar".

O misticismo oriental ao se expressar por palavras, é limitado pela linguagem, o mesmo ocorre com a Física moderna hoje, no que se refere aos modelos e teorias, pois são aproximações imprecisas da realidade. O Deus que dança e a teoria física são criações da mente, modelos que tentam descrever a intuição que o indivíduo possui acerca da realidade.

Os físicos perceberam que a linguagem comum a eles era inadequada na descrição da

realidade atômica moderna. Em termos de filosofia pode-se falar em revolução na física moderna, e na qual se encontra uma base segura para relacionar a filosofia física e a filosofia mística oriental. No ocidente a lógica e o raciocínio são meios básicos utilizados para formular idéias filosóficas, no misticismo oriental o real supera a linguagem comum, e os sábios orientais ultrapassam conceitos lógicos e comuns. Razão principal pela qual seus modelos da realidade formam a base filosófica mais adequada à Física moderna, que os modelos existentes na filosofia ocidental. O dilema da linguagem que se depara o místico oriental é idêntico ao que se antepõe ao físico moderno.

A característica mais importante da visão oriental de mundo é a consciência da unidade e da interligação de todas as coisas e eventos, a experiência de todos os fenômenos do mundo como manifestações de uma unidade básica, em outras palavras, a idéia de organicidade, como manifestação diversa da mesma realidade última. Realidade que no Hinduísmo é conhecida como Brahman, no Budismo, a Dharmakaya e no Taoísmo o Tao.

Tema central que se repete, numa permanente comparação entra a Física moderna e a filosofia oriental, a idéia da unidade de todas as coisas e eventos, não compreendidos como entidades isoladas e sim como partes que formam o todo. Tema que aparece "claro-que e escuro-yin", ao discutir sobre além do mundo dos opostos: pois, todos os místicos orientais experimentam todos os eventos e todas as coisas como expressão de uma unidade básica, porem, não significa que todas as coisas sejam idênticas, e portanto que compreendem a individualidade das coisas, a unidade de todos os contrastes, em especial a unidade dos opostos. Interpretam o mundo em termos de movimento, fluxo e mudança, ligado por uma teia cujas interligações são dinâmicas, vivas, movendo-se, crescendo em permanente transformação. Na Física moderna a compreensão do universo é semelhante a filosofia oriental. Lançando mão da teoria geral da relatividade de Einstein, para compreendermos a expansão do universo, onde o espaço é curvo em consequência da relação à distribuição da matéria conforme as equações de campo de Einstein. Entendemos melhor esse conceito através da comparação bidimensional, com ajuda de uma bola de sopro igual as usadas nas festas de aniversário, com inúmeros pontos em sua superfície, representando o universo, a bola sua superfície curva bidimensional representa o espaço curvo tridimensional e os pontos, as galáxias. Ao soprar a bola, as distâncias entre os pontos aumentam, em qualquer ponto escolhido os demais se afastaram. A expansão do universo dar-se de forma idêntica; ao escolhermos qualquer galáxia as demais se afastaram.

A idéia de expansão do universo se encontra presente na antiga mitologia indiana, que ao desenvolver cosmologias evolucionárias se aproxima do modelo científico moderno, os Hindus numa dessas cosmologias se referem ao mito de lila, naquela, Brahman transforma-se no próprio mundo. Lila é uma peça um jogo de ritmos que se transforma em ciclos infinitos, no qual o um se transforma em múltiplos e os múltiplos retornam ao um.

A dança de Shiva simboliza os ciclos cósmicos de criação e destruição, como também o ritmo diário de nascimento e morte, compreendido no misticismo indiano como a base da existência. Na sua dança, Shiva nos lembra que as múltiplas formas do mundo são maya, -ilusórias e em constante mudança- na medida em que segue criando-as e dissolvendo-as no fluxo interminável de sua dança. Através da dança os místicos orientais expressam sua visão dinâmica do universo, semelhante a Física moderna, a dança de Shiva para os físicos é a dança subatômica, numa constante dança de criação e destruição que envolve todo o cosmos que por sua vez compõe a base de toda a existência e de todos os fenômenos naturais. O mundo subatômico é um mundo de ritmo, movimentado e de mudança. As partículas de um determinado tipo são idênticas, possuem a mesma massa e carga. As partículas carregadas tem carga elétrica igual(ou oposta) a do elétron, ou duas vezes a do elétron.

No misticismo oriental como na Física moderna há o entendimento que os fenômenos neste mundo de mudança e transformações estão interligados de forma dinâmica, inter-relação compreendida entre os Hindus e budistas como uma lei cósmica e lei do Karma. As filosofias religiosas orientais tem como base o conhecimento místico eterno que supera o raciocínio e não pode ser demonstrado por palavras. Esse paralelo Capriano procura incentivar experiências místicas, onde o indivíduo busque uma vida espiritual equilibrada.

Só me cabe, agora, sugerir ao leitor que reviva, volta e meia, uma experiência que se tornou para Capra uma fonte de alegria e de inspiração constante. E para mim um exercício rico em reflexões e prazeroso.

NOTA

1) Aluno do Curso de Ciências Sociais - CCHLA - DCS - UFPb.